

Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário

SUMÁRIO

Apresentação	04
1. Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário ..	10
1.1 Contexto global	10
1.2 A arte como reencantamento do mundo	13
1.3 Arte e identidade cultural	22
1.4 Arte e Educação	26
2. Proposições	30
2.1 Conexão arte-sociedade	30
2.2 Estimular a responsabilidade social	31
2.3 Defender o direito à cidadania cultural	32
2.4 Fortalecer a diversidade cultural dos diversos países e regiões e estimular a interculturalidade	32
2.5 Fortalecer a identidade cultural frente aos processos de globalização	33
2.6 Estimular ações de ocupação cultural dos espaços públicos pela população	34
2.7 Construir a cultura da paz	34
2.8 Fortalecer as trocas culturais entre os diversos países	36
3. Experiências	36
3.1 Conversas de rua	36
3.2 Ballet Stagium	37
3.3 Projeto Alagoas Presente!	38
3.4 Barracões culturais da cidadania	39
3.5 Museu e público especial	40
3.6 A consciência ecológica e a educação através da arte	41
3.7 Movimento Arte contra a barbárie	42
3.8 Tambores pela Paz	42
3.9 Se essa rua fosse minha	43
3.10 Oficina Livre do Conhecimento e Escola de protagonistas (= + ≠)	44
3.11 Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC)	44
3.12 Projeto Porandussara	45
3.13 Projeto no Metrô	46
3.14 Festival do primeiro romance (Chambéry, França)	46

3.15 Tarace Boulba (Montreuil, França)	47
3.16 Ateliês de portas abertas (Bas-Montreuil, França)	47
3.17 Itinerâncias teatrais de Montreuil (França)	47
3.18 Excalibur (Montreuil, França)	48
3.19 Doual'Art (Douala, Camarões)	48
3.20 Caravana Africana pela Paz e a Solidariedade Caravane	49
3.21 Shalom Salam Paz	50
3.22 Festas da Cultura (Santiago, Chile)	51
4. Propostas	51
4.1 Encontros	51
4.2 Comunicação	52
4.3 Intercâmbio	53
4.4 Formação	54
4.5 Cultura da paz	55
5. Notas	55

Apresentação

Este documento foi apresentado, em sua versão preliminar, no “Encontro Mundial dos Artistas da Aliança”, realizado entre os dias 29 de abril a 3 de maio de 2001, em Itapeverica da Serra, São Paulo, reunindo pintores, poetas, escritores, músicos, contadores de histórias, animistas, escultores, produtores culturais, atores, professores de arte etc, de 17 países, enfim, um grupo bastante heterogêneo, tanto quanto a suas ocupações quanto a suas origens e culturas.

Promovido pela “Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário”, e organizado pelo Instituto Pólis, este encontro teve por objetivo refletir acerca do lugar da arte e do artista na construção de sociedades solidárias. A idéia de realizá-lo, visando dar um novo impulso à ainda embrionária rede dos Artistas das Aliança, nasceu em uma reunião realizada no Canadá, em julho de 2000. Esperava-se, com esta iniciativa – afinal coroada de êxito – que várias culturas pudessem dialogar sobre as possibilidades de atuação comum com vistas à superação de barreiras culturais para a compreensão e aceitação do outro, talvez a principal dificuldade que o planeta tem enfrentado na construção da solidariedade entre os povos. Foi com este pressuposto que fizemos a primeira versão do “Caderno de Proposições”, intitulado “Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário”.

Este texto, traduzido para o espanhol, o francês e o inglês, introduziu temas que foram debatidos no encontro: globalização, arte e identidade cultural, reencantamento do mundo, pluralidade e interculturalidade, cidadania cultural, o significado da arte e o papel do artista na contemporaneidade e outros. A leitura prévia deste documento permitiu que os participantes do seminário já tivessem em mente sugestões de linhas de debate e pudessem ir refletindo sobre as mesmas. Para que este debate fosse ampliado, atingindo um número maior de pessoas, em várias partes do mundo, o Instituto Pólis organizou, com o apoio da Aliança, o Fórum Eletrônico Mundial dos Artistas. Algumas das falas incorporadas a este documento vieram através do fórum eletrônico.

Cabe, agora, mencionar o formato deste documento, que está dividido em cinco partes: Apresentação; 1. Arte e identidade cultura na construção de um mundo solidário; 2. Proposições; 3. Experiências; 4. Propostas.

O item 1 trata da parte conceitual do que entendemos por “arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário”; o item 2 propõe iniciativas concretas de ação a partir das idéias contidas no item 1; o item 3 fala de experiências, de membros da Aliança e fora dela, que já implementam os pressupostos contidos no item 1; o item 4 lança para o futuro propostas compatíveis com as linhas de pensamento e ação da Aliança.

Voltando à primeira versão do “Caderno de Proposições”, apresentado aos participantes do encontro em Itaipericica da Serra, gostaríamos de ressaltar que todos aprovaram as linhas básicas do texto mencionado, sugerindo que o mesmo não sofresse alterações nos seus pressupostos básicos.

Seguindo esta orientação, incorporamos idéias surgidas no fórum eletrônico, reações vindas através de e-mails e cartas, falas dos participantes ocorridas nos debates, trechos das palestras de Fayga, Ianni e Echegaray, fragmentos de pensamentos de autores que achamos compatíveis com as

linhas mestras deste “Caderno”, além de um item sobre Arte e Educação, que não constava do texto original mas que, no decorrer do encontro, foi um dos centros do debate.

Procuramos equilibrar – neste documento – os princípios que orientaram nossas reflexões com as experiências que os concretizam, visando com isto enfatizar que as idéias nele contidas têm consistência na realidade social.

É importante ressaltar que embora este documento tenha buscado incorporar as idéias de todos aqueles que participaram destes debates, ele foi feito por duas pessoas, o que equivale afirmar que a maneira de selecionar e articular estas contribuições tem sua particularidade. Alguns se sentirão mais e outros menos representados. Isto é inevitável porque somos múltiplos. A impossível tentativa de contemplar todos de uma forma igualitária criaria um documento confuso e pouco útil para quem quer que fosse. Qualquer olhar, por mais universalista que se pretenda, terá suas “lentes”.

Quando falamos em “mundo”- quem fala? de que mundo falamos? Terá o mesmo sentido para um árabe, um japonês e um boliviano? – certamente não. Nesta linha, por maior que seja a tentativa de universalizar nossa proposta, é importante relativizar nossos pontos de vista. Esta relação entre o universal e o particular, principalmente em termos de valores, é sempre tensa e difícil de equacionar. Seja como for tentar colocar-se no lugar do “outro”, sem necessariamente abdicar do que se é - pensando sempre que as identidades são mutáveis - é uma postura salutar. Foi o que tentamos fazer.

Pensamos que a idéia da globalização (mundialização) deve ser vista não só em seus aspectos perversos mas, também, nas suas possibilidades de confraternização e solidariedade. O uso de uma ferramenta como o Fórum Eletrônico é um exemplo, ainda que ínfimo, de como isto é possível.

É importante ressaltar que a arte não se dá em um espaço vazio. Os aspectos econômicos, políticos e culturais que com ela interagem lhe conformam de uma certa maneira, assim como ela também interfere nestes campos. Sendo assim – embora a arte tenha um papel importante – não podemos superestimar sua potencialidade transformadora. O importante, no caso, é fazermos, da melhor maneira, a nossa parte, conhecendo a realidade que nos cerca, sabendo o que a História já nos mostrou: que a arte pode ter um direcionamento político e ético em uma direção oposta ao que pretendemos, como foi a arte no nazismo etc.

O campo da arte é vasto e implica em inúmeras conceituações, assim como o papel do artista. Fayga, a excepcional artista que faleceu recentemente, pouco mais de três meses após ter aberto o nosso seminário, no que pode ter sido a sua última apresentação pública, nos fala da arte como o elo dos homens entre si e com o cosmo. Pensamos que está implícito nisto a arte como afirmação de Eros, afirmação de vida que se opõe a Tanatos, à destruição e morte que hoje se configura na sociedade que vivemos.

E para terminar, criamos um diálogo fictício que bem poderia ser verdadeiro:

- O que vocês pretendem?
- Reinventar o mundo, colocando a arte a serviço desta mudança. Mudança que é, antes de tudo, afirmação da vida.
- Não é uma utopia, no sentido do irrealizável...?
- Talvez. Mas é necessário desejar o impossível para que se amplie o campo do possível.
- É aonde se pretende chegar?

- Temos um ponto de partida não um ponto de chegada. O homem é um ser em contínua construção. Acreditamos que a caminhada servirá de bússola para o que desejamos. E é bom que se diga, já iniciamos esta viagem.
- E quais os pressupostos desta mudança?
- Acreditamos que o imaginário cumpre um papel importante. Tanto na criação através da arte quanto na arte como possibilidade de recriar o mundo.
- E como isto é possível?
- A educação cumpre aí um papel fundamental. Aliada à arte, como já ocorre em várias experiências, ela cria novos agentes de transformação e multiplica o raio de ação deste movimento.
- E como comunicar isto ao mundo?
- Cremos que os novos meios de comunicação facilitarão esta tarefa.
- É uma tarefa enorme...
- Certamente para várias gerações mas é necessários que façamos, agora, a nossa parte.

Hamilton Faria e Pedro Garcia

Os perigos enormes, o próprio absurdo contido no desenvolvimento feito em todas as direções e sem nenhuma verdadeira ‘orientação’ da tecnociência, não podem ser descartados por ‘regras’ decretadas de uma vez por todas, nem por uma ‘companhia de sábios’ que só poderia tornar-se instrumento, senão mesmo sujeito, de uma tirania. O que é exigido é mais do que uma ‘reforma do entendimento humano’, é uma reforma do ser humano enquanto ser social-histórico, uma ética da mortalidade, uma auto-ultrapassagem da Razão. Não temos necessidade de alguns ‘sábios’. Temos necessidade de que o maior número adquira e exerça a sabedoria – o que, por sua vez, exige uma transformação radical da sociedade política, instaurando não somente a participação formal, mas também a paixão de todos pelas questões comuns. Ora, seres humanos sábios é a última coisa que a cultura atual produz.

- *Então, o que você quer? Mudar a humanidade?*
- *Não, alguma coisa mais modesta: que a humanidade se transforme, como ela mesma já fez duas ou três vezes.*

1. Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário

1.1 - Contexto global

Nos tempos que correm os acontecimentos se precipitaram e as nossas categorias se tornaram pobres para entendê-los. Queda do muro de Berlim, fracasso do socialismo real, AIDs, neonazismo, intolerância étnica, ameaça de ingovernabilidade aqui e ali, exclusão social, enfim, sinalização de barbárie a nível global.

Como nos diz a “Carta aos Candidatos”, do Fórum Intermunicipal de Cultura, um “dos resultados negativos da globalização é um amplo desenraizamento que desfaz modos de vidas locais, expropria milhões de seres humanos de suas referências culturais e de suas próprias vidas. Assim, todo um processo cultural entra em decadência e, em troca, é oferecido um padrão fabricado pelo consumo, que tem na mídia um emulador permanente, pasteurizando todo e qualquer tipo de diferença”. (2)

A este tempo que estamos vivendo deu-se o nome de pós-moderno. Nome vago, que anuncia que algo foi ultrapassado, que estamos em outro

momento, embora não saibamos exatamente qual e o que isto significa.

Parece ser consensual que atravessamos uma crise. Não só econômica ou social. Trata-se de algo bem maior, trata-se de uma crise civilizatória. A palavra “crise” tanto pode significar a erosão de algo construído, que entra em decadência, ou o momento propício para a renovação, para a reinvenção.

No nosso caso – e aqui pensamos em uma perspectiva do Ocidente – perdemos os paradigmas que nos davam referência. A impressão geral é pessimista. Mas não será este apenas um dos lados da moeda?

Eduardo Prado Coelho, pensador português contemporâneo, questiona o significado do “vazio de idéias”, que usualmente se liga à “crise de paradigmas”: “Vazio de idéias? Alguns supõem que sim. E tendem a traçar um quadro mais ou menos desolador dos tempos em que vivemos. Estaríamos sem teto e entre ruínas – para utilizarmos uma expressão que a literatura consagrou. Segundo a perspectiva considerada mais ‘progressista’, a paisagem depois do comunismo seria a de um deserto que cresce. No limite de todos os dismantelamentos, aguarda-se, em atitude de súplica, a improbabilidade do milagre. Outros, mais conservadores, mais vinculados a uma aristocracia do espírito, vêem com verdadeiro horror os nivelamentos e banalizações de uma cultura massificada e de uma escola em incessante degradação. Outros ainda, perturbados com a invasão de uma tecnociência que supõem acéfala, entrevêm no horizonte os sinais aterradores do niilismo e da barbárie. No entanto, através do próprio desastre, nessa perda dos astros reguladores, que todo o desastre é, alguma coisa se move que, se nos incitarmos a seguir o fio tênue desse movimento, nos poderá conceder um pouco de alegria e deslumbramento – o enigmático sorriso de um virar de século. Poder-se-à suspeitar que, quando se fala em ‘vazio de idéias’, o que se lamenta é fundamentalmente isto: não existem hoje idéias que salvem, nem idéias que

fundamentem. Por outras palavras: nenhuma idéia nos assegura a salvação, nenhuma idéia é portadora de uma verdade que salve, nenhuma idéia nos dispensa de sermos nós próprios e criarmos o nosso modelo e itinerário de salvação. E ainda: nenhuma idéia é suficientemente forte para fundamentar uma prática, para funcionar como ciência rigorosa da *práxis*. Sem astros que nos guiem, sem uma ciência de navegação que seja preciso apenas *aplicar*, avançamos agora num mar de surpresas e incertezas.” (3)

Isto nos faz perguntar: será que as certezas que tínhamos, que se revelaram falsas, são melhores que a incerteza com a qual navegamos atualmente? Perda ou libertação? Cremos que ambas. Perda porque muita esperança se depositou no que se perdeu. Libertação porque, livres das amarras de um projeto predeterminado por pressupostos rígidos, estamos abertos a novas aventuras.

Segundo Octavio Ianni, é “no âmbito do globalismo que se institui, em uma forma nova, evidente e surpreendente, o significado da história mundial. São tantos e tais os vínculos, as acomodações, as tensões e as fragmentações que se desenvolvem em escala mundial, que já se pode falar em formação de uma sociedade civil mundial; em primórdios de um real cosmopolitismo das coisas, gentes e idéias; na constituição do Globalismo como um novo e surpreendente palco da história, em termos de modos de ser e mentalidades, formas de sociabilidade e de pensamento, jogos de forças sociais e lutas de classes, guerras e revoluções; em novas modalidades de espaço e tempo; em um novo paradigma das ciências sociais, filosofia e as artes”. (4)

Em suma, rompem-se as fronteiras de mercado, criam-se circuitos financeiros, abrem-se possibilidades do ir e vir, intensificam-se trocas comerciais, científicas e culturais. Este processo se, de um lado, favorece uma aproximação dos povos e o estabelecimento de redes de direitos humanos e de

solidariedade e propósitos de paz no mundo - além da possibilidade de construção de um verdadeiro diálogo intercultural, ainda por se contrair -, traz, em contrapartida, imensos impactos negativos sobre a vida no planeta e sobre a autodeterminação dos povos. Na medida em que entra em curso o declínio do Estado-Nação, se reforçam poderosas estruturas mundiais de poder, como é o caso do FMI.

Este processo tem como conseqüência trágica a formação de ilhas de prosperidade e imensos oceanos de miséria, descaracterizando culturas ao impor-lhes ritmos acelerados a partir de uma tecnologia sofisticada não compatível com a condição sociocultural da maioria dos povos.

Por outro lado, como nos lembra Michel Sauquet, os problemas de injustiça social, de exclusão e de identidade cultural não estão, necessariamente, ligados à mundialização, já que são da “natureza humana, sempre confrontada com o niilismo e a barbárie”.

Vivemos em um mundo de extrema desigualdade em que coexistem alta tecnologia e analfabetismo, abundância e fome, engenharia genética e mortes por desnutrição. Na luta entre Tanatos e Eros é necessário fazer opções. Em termos simples e radicais: ou reinventamos a sociedade ou cairemos na barbárie. Como nos advertem os cadáveres empilhados em Nova York .

1.2 – A arte como reencantamento do mundo

Max Weber, em um texto denominado “A ciência como vocação”, definiu o desencantamento do mundo como a possibilidade do homem dominar todas as coisas através do cálculo. Neste mundo desencantado, os sentidos da existência, do tempo e do conhecimento tomaram outros rumos. A

noção de progresso, que contempla um tempo linear e sempre melhor, perdeu a sua força em um mundo que busca sobreviver.

O que seria o mundo encantado? Mircea Eliade nos fala de civilizações em que o mito era plenamente vivido. O mundo se comunicava com o homem, e o homem o reconstruía, e reconstruía a si mesmo, através da linguagem dos símbolos. Tudo tinha sentido neste cosmo vivo: o mundo se revelava enquanto linguagem, longe do desencantamento que veio se processando na cultura ocidental.

Nietzsche, em “O nascimento da tragédia”, ao estabelecer a relação entre ciência e mito, nos fala do aniquilamento deste último, fato que determina a expulsão dos poetas da República. Poetas, entenda-se: sonhadores, criadores de utopias, santos e outros da mesma estirpe – toda uma tribo errante, perambulando pelo mundo e carregando o facho do reencantamento do mundo. Reencantamento que não é uma volta a um passado mítico, embora se possa pensar em um mito restaurado que reaproprie o presente naquilo que o presente se ofereça como possibilidade de encanto.

Talvez devêssemos fixar o que perdemos para, depois, estabelecer o que podemos reconquistar. Em termos de linguagem, perdemos a inocência.

O que queremos dizer com isto? Que ficou vazio de sentido o que enunciamos, razão pela qual é necessário reencontrar a verdade da palavra: a união da palavra com a coisa enunciada. Algo que as crianças conservam, até a percepção de que a palavra é distinta da coisa.

Antes da invenção da escrita a palavra oral instaurava os fatos presentes, perservava o passado e prognosticava o futuro. Nomear significava fazer existir. O ser habitava a linguagem. E os senhores da palavra dominavam os acontecimentos. Daí a plenitude da poesia e poder da palavra.

Um dos textos mais antigos de que temos conhecimento, o “Poema babilônico da criação”, nos fala de “quando no alto o céu ainda não havia sido nomeado e embaixo a terra firme não havia sido mencionada por seu nome... quando os deuses não haviam sido criados, nem nenhum nome havia sido pronunciado, nem nenhum destino havia sido fixado...”

Nenhum nome pronunciado: céu, terra, homem, deuses, destino. Nomear para dar existência. Cinco mil anos Antes de Cristo os babilônios fixaram esta verdade. Desde então trilhamos um longo caminho em que a linguagem foi perdendo a sua força. E como diz Elie Wiessel. “quando a linguagem fracassa, é a violência que a substitui. A violência é a linguagem daquele que não se exprime mais pela palavra. A violência é também a linguagem da intolerância, que gera o ódio.” (5) Por isso é necessário restaurar a potência criadora da linguagem. Para Calvino, o “justo emprego da linguagem permite o aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com discrição, atenção e cautela, respeitando o que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem o recurso das palavras”. (6)

Através da criação, da arte, talvez se abra este reencontro do homem com a linguagem. Neste sentido é importante reafirmar que arte e criação não se encontram apenas nesta figura recentemente criada, o artista, mas no homem em sua plenitude. Para isto, é necessário virar o mundo de cabeça para baixo. Inverter a proposição de que ser é ter. Buscar o lúdico no cotidiano. Olhar o mundo com espanto. O espanto de estar vivo, tão misterioso quanto o não ser. Deslumbrar-se. Como Heráclito quando nos diz que a morada do homem é o extraordinário. Talvez aí esteja a chave. Se a morada do homem voltar a ser o extraordinário, o homem terá reencantado o mundo.

Mas vamos aterrissar em nosso *chantier*, buscando dialogar com os companheiros da tribo.

Em um documento enviado como contribuição aos debates do “Encontro Mundial dos Artistas da Aliança”, Gustavo Marin questiona: “En las crisis de las diversas civilizaciones a las que asistimos a fines del siglo XX, pueden el arte y los artistas ser un medio para que los pueblos vivan en paz en un mundo de diversidad?”

Nesta mesma linha, Michel Sauquet observa que “todo o mundo está de acordo acerca do papel da arte para reencantar o mundo”, a questão é “ver como o reencantamento intervém concretamente para o desenvolvimento social, para a redução das injustiças e desigualdades e na luta contra a exclusão”.

Olivier Petitjean, no seu texto “L’art, l’artiste et l’identité culturelle dans la construction d’un Montreuil solidaire”, nos fala da cidade onde mora, Montreuil, falando – a partir de uma experiência concreta – como as práticas artísticas podem modificar a percepção dos problemas sociais e ser um fator de inovação.

Marin, Sauquet e Petitjean colocam, cada um a seu modo, a questão da reinvenção do mundo através da arte.

Talvez tenha chegado o momento, como afirma Cristovam Buarque, dos artistas e dos pensadores, “depois de décadas de predomínio dos economistas. Estamos entrando em um tempo de poetas, dramaturgos e escritores, que, pela intuição, denunciem e formulem; de pensadores que, pela análise, critiquem e proponham uma visão ampla do drama humano e nacional.” (7)

Talvez esta profecia esteja se cumprindo. Vimos alguns sinais deste anúncio em notícias aleatórias, de origem variada, que ocorreram no espaço de poucos dias, enquanto redigíamos este documento. Em 17 de agosto de 2001, o jornal carioca “O Globo”, ostentou a manchete: “Poesia no tratamento de usuários de drogas”. Trata-se do projeto de uma instituição que pretende

revolucionar o tratamento de jovens dependentes de drogas: o Centro de Atenção à Drogadição Raul Seixas. A idéia – afirma o coordenador de Saúde Mental do município do Rio de Janeiro, Hugo Fagundes – é que o Centro Raul Seixas seja um clube de jovens, com atividades que permitam a eles perceber que dá para atravessar a juventude com horizontes diferentes da satisfação imediatista, da atração da droga, do bombardeio consumista e do sonho impossível como o tênis Nike. Em suma, uma busca de mudar a evasão alienada da droga para o imaginário da poesia. Um belo projeto.(8)

Lemos no “Jornal do Brasil”, de 11 de agosto de 2001, uma reportagem com o título: *A cultura desafia a realidade. Projetos em comunidades carentes se multiplicam no Rio transformando a arte em alternativa para o cotidiano e matéria-prima para o futuro.*

Nesta matéria, uma jovem de 21 anos, Cláudia Martins, que participa de um grupo dança, afirma: “Demorei para descobrir que não é porque moro numa favela que tenho que estudar até o segundo grau e ser secretária ou atendente. Hoje sei que posso ser bailarina, fazer uma faculdade e ter a dança como meio de vida. Esse trabalho mudou a minha percepção da realidade”.(9)

Ciência para poetas, é um curso da Casa da Ciência, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que teve início em setembro de 2001, abrindo espaço para que artistas, cientistas e o público interessado pudessem trocar idéias sobre teatro, ciência e divulgação científica. No folder, o propósito deste evento: “Nas artes e nas ciências o homem cria seu caminho, inventa o infinito e a aventura de sua busca. O que une arte e ciência é o sentimento de que, quanto mais se anda, mais falta para andar...”

Cristovam Buarque afirma que será “preciso voltar aos fundamentos dos valores humanos, subordinando a técnica à ética numa nova lógica, capaz de entender o homem e o resto da natureza como parte de um todo e de

redefinir os conceitos de liberdade e de igualdade nestes tempos das *grandes e independentes máquinas* que substituem o trabalho humano e destroem o meio-ambiente. Será preciso, sobretudo, imaginação para inventar um novo conceito de riqueza sem as amarras da economia, usando esta última apenas como um instrumento”. (10)

Esta conversão do homem para uma lógica, que não a do capital, precisa se impor. Neste sentido, é interessante lembrar de uma crônica intitulada “Muito além do mercado”, de Clóvis Rossi, colunista do jornal “Folha de São Paulo”. Nela, ele fala de um jornalista do “The New York Times”, “confesso da superioridade absoluta do livre mercado, que passou algumas semanas na Itália e voltou convencido de que há mais coisas na vida – na vida civilizada – do que a competição desregulada do mercado”. O que encantou este jornalista foi um exemplo do “sistema público de saúde italiano que envia uma enfermeira periodicamente para acompanhar uma paciente que mora nos confins e tem esclerose múltipla, o que tornaria complicado e custoso seu deslocamento para a cidade”. E ele se pergunta “se esse comportamento é um desvio, um desperdício – pela lógica do mercado – ou, ao contrário, mostra que uma sociedade é mais civilizada para todos se provê a ajuda médica necessária para todos os que dela necessitam”. (11)

Certamente um fato isolado, mas são de fatos isolados, que se multiplicam, que se dá a mudança.

Mas voltemos à poesia. Segundo Octavio Paz, não existe uma sociedade sem poesia nem uma poesia sem sociedade. Entenda-se poesia em seu sentido lato, como o povoamento do mundo pela arte.

Para Paz, uma “sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria”, já uma poesia sem sociedade “seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras. Condenados a

uma perpétua conjunção que se resolve em instantânea discórdia, os dois termos buscam uma conversão mútua: poetizar a vida social e socializar a palavra poética. Transformação da sociedade em comunidade criadora, em poema vivo; e do poema em vida social, em imagem encarnada.

Uma sociedade criadora seria uma sociedade universal em que as relações entre os homens, longe de ser uma imposição da necessidade exterior, fossem como um tecido vivo. (...) Essa sociedade seria livre porque, dona de si, nada exceto ela mesma poderia determiná-la; e solidária porque a atividade humana não consistiria, como hoje, na dominação de uns sobre outros (ou na rebelião contra esse domínio) mas buscaria o reconhecimento de cada um por seus iguais ou, melhor, por seus semelhantes” (12).

Borges expressa muito bem o sentido visceral da poesia ao dizer que ela não acontece apenas intelectualmente mas atinge o homem em todo seu ser. (13)

Nietzsche diz algo similar. Segundo ele só a arte tem o poder de produzir representações da existência que nos possibilitam viver. (14) São estas representações - terreno fértil para a criação artística - que, passando pelos imaginários individual e coletivo, nos possibilitam reinventar o mundo.

É esta dimensão fundadora da arte que necessita ser resgatada, porque – como nos diz Fayga Ostrower – “quando o homem moldou a terra moldou a si mesmo”. Construiu, digamos, a sua própria imagem. Há aí algo de misterioso embutido em uma pergunta de Fayga: “Que tipo de linguagem é esta que não precisa de interpretação e comunica há milênios sem perder o núcleo da expressividade?”

Talvez este enigma sem resposta possa nos guiar na busca de um outro padrão de existência, reformulando o imaginário que alimenta nossos desejos. O que buscamos depende, além das circunstâncias que nos cercam e dos

imponderáveis, de vontade e ação. Ousar fazer. É no fazer, com seus erros e acertos, que poderemos construir uma nova forma de vida mais igualitária, criativa e feliz.

A arte que, através do tempo, tem sido o registro de várias civilizações, documento e testemunho, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano e cultural. Hoje, mais do que nunca, com a crise civilizatória, e com ela o monoteísmo da razão, a linguagem da arte talvez seja das poucas que fala diretamente ao coração das pessoas, particularmente dos jovens. Além de impulsionar transformações sociais, pode contribuir para reencantar o mundo a partir do estabelecimento de trocas simbólicas com sentido forte e formar, assim, uma comunidade de emoção.

Heráclito afirma que a morada do homem é o extraordinário. Extraordinário que, em grande medida, o homem contemporâneo perdeu com a perda do cosmo, conforme disse em algum lugar D. H. Lawrence. Como nos religar ao cosmo? Ou, como nos interroga Vanda Chalyvopolou: como vamos encontrar outra vez a sensação mágica das coisas?

Já que, segundo Borges, “a beleza está à espreita por toda a parte” (15), é necessário promover mais encontros com ela. Talvez na dimensão que nos sugere Bené Fonteles quando questiona a produção da arte só para a sensação dos sentidos: “Por que produzir uma arte só para a sensação dos sentidos quando o discernimento da mente e da alma nos pede mais responsabilidade com a matéria, a palavra, o pensamento e a obra? O que a arte nos exige é um exercício sensitivo e intuitivo para uma nova forma de perceber, estar e pertencer ao mundo, aquele que neste milênio se prepara para compreender as outras dimensões que a ciência já experimenta ou visiona”.

Embora o materialismo impregne a vida do homem ocidental, ele nunca se liberou do sagrado que – segundo Mircea Eliade – alimenta o seu

inconsciente constituído de figuras carregadas de sacralidade. Em certos casos – afirma ele – o comportamento do artista ante a matéria reencontra e recupera uma religiosidade de tipo extremamente arcaica, desaparecida desde milênios no mundo ocidental.

Não será este o caso que nos relatou Bené Fonteles acerca da explicação de um artista popular sobre a sua escultura de um elefante? “Eu peguei a madeira, escutei a madeira, ouvi o que queria dizer e tirei tudo o que não era elefante”.

A arte possibilita inúmeras interpretações. Brice Parfait, também participante do encontro dos artistas, afirma ser ela o “último degrau do conhecimento”, sendo o artista o “mensageiro do invisível”. Para Kolakowski a arte é “um modo de perdoar a maldade e o caos do mundo”. Segundo ele a “arte organiza as percepções do mau e do caótico, introduzindo a compreensão da vida de maneira tal que a presença do mal e do caos se converte na possibilidade de minha iniciativa com respeito ao mundo, que leva em si mesmo seu próprio bem e seu próprio mal.

Para que possa ser assim, a arte deve descobrir no mundo o que sua aparência não proporciona, ou seja, o encanto secreto de sua feiúra, a deformação oculta de sua graça, o ridículo de sua elevação, a pobreza do luxo e o custo da pobreza; em uma palavra: deve descobrir todas as fibras secretas sufocadas pelas qualidades empíricas e que as convertem em partículas de nosso fracasso ou de nosso orgulho.” (16)

A arte nos permite, como o mito, tocar o mistério do mundo, sua ludicidade, prazer, alegria. Permite-nos penetrar no desconhecido em busca de respostas parciais, sempre parciais, que mantêm o élan do viver. E isto ligado, também, a uma busca de soluções para os problemas que nos atropelam e ameaçam a nossa própria sobrevivência. Sobrevivência que, para

ser válida, tem que ser digna. Vale dizer, tem que ser compartilhada, em um mundo que valha a pena ser vivido.

Às vezes, nos esquecemos que, além da carência de bens materiais, que causa a miséria e a morte de milhares de pessoas, temos carência de bens simbólicos e espirituais. Na confluência entre os bens simbólicos e espirituais, temos a arte que impulsiona relações entre pessoas e grupos, renovando vivências, laços de solidariedade, criando imaginários e poéticas imprescindíveis para o conhecimento do outro e de si mesmo. Neste sentido, desenvolver-se com arte pode tornar a nossa vida mais alegre e o nosso olhar mais sensível à realidade cotidiana. Pode contribuir para a criação de um rico imaginário, apoiado nas raízes e na criatividade coletiva do presente; e resgatar poéticas que dão um sentido à vida em comunidade pela alegria, o lúdico, a imaginação.

Assim como a arte, a figura do artista é central nas sociedades contemporâneas: construtor de identidades sociais e imaginários, referência existencial e, muitas vezes, mítica. Enfim, são pessoas especiais nos vários contextos, tanto como agentes da alienação, usando a arte como sistema de manipulação, quanto como agentes em busca de mundo plural, solidário e responsável.

E já que estamos falando do artista, encerramos este item com a fala de Makarand Paranjape: “O artista pode ajudar a construir as condições necessárias para a mudança do mundo. Isto pode ser realizado não se retraindo em uma torre de marfim, mas fazendo a arte mais acessível para as pessoas comuns, liberando-se das amarras das forças do mercado, e também trazendo à tona a criatividade escondida das pessoas”.

1.3 – Arte e identidade cultural

Kobena Mercer afirma que “a identidade se transforma numa questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é movido pela experiência da dúvida e da incerteza”. (17) E o que é “movido pela experiência da dúvida e da incerteza” é quem sou. Em tempos de clonagem, em que o homem alardeia, através da engenharia genética, a possibilidade de criar outros seres, por em pauta de discussão o tema da identidade faz todo sentido.

Qual o impacto da globalização sobre a identidade cultural? Giddens afirma que “à medida em que as regiões diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social alcançam virtualmente toda a superfície da terra”. (18)

Esta tendência a uma homogeneização cultural, vinculada por um mercado global que alcança a privacidade das casas através dos aparatos de tevê, constrói um imaginário coletivo por meio de um chamado de consumo que alcança quase toda a ‘aldeia global’.

Stuart Hall afirma que “foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para este ‘supermercado cultural’. Dentro do discurso de consumismo global, as diferenças e as distinções culturais que até então definiam a identidade, estão reduzidos a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, à qual podem traduzir-se todas as tradições específicas e todas as identidades diferentes”. (19)

Neste cenário hegemônico cresce a importância da questão das identidades culturais de países e regiões frente ao avassalador processo liderado pelo chamado “pensamento único”. Os povos situados fora do eixo Europa-América sofrem ainda mais porque, portadores de uma “cultura de

raiz”, mais compatível com o desenvolvimento humano, são pressionados por dinâmicas externas com forte impacto no seu desenvolvimento cultural.

Ao compartilharmos deste tipo de avaliação crítica, em que a cultura do “outro” é vista como espetáculo ou mercadoria exótica, não estamos defendendo a “pureza” das manifestações culturais, pois sabemos que a vitalidade destas culturas está na sua dinâmica de atualização.

A identidade é plural e está em permanente mutação. O que não pode ocorrer é a sobreposição de culturas ditadas pelas normas dos mais fortes, tornando as mais “fracas” pitorescas e deslocadas de sua verdadeira origem.

Este movimento pendular entre conservar e mudar nem sempre encontra sua “justa medida”. Em alguns casos, a tendência à homogeneização, que produz o seu oposto, pode levar um grupo étnico a um exagerado nacionalismo acompanhado de ortodoxia religiosa.

Por outro lado, há casos em que o processo de transculturação potencializou as identidades locais, como ocorreu com os indígenas equatorianos, que construíram um amplo circuito planetário de apoio e reconhecimento à sua identidade. Algo na linha do que nos falou Miguel Àngel Echegaray como “glocalidade”, neologismo formado pelas palavras “globalização” e “localização”, que considera que o local e o global não se excluem mutuamente. Pelo contrário, o local é um *aspecto* do global. (20)

Grande parte dos afro-descendentes do Brasil também têm afirmado valores e processos educativos negros incorporando em seu trabalho novas tecnologias do mundo ocidental. Algo na linha do que propõe Otávio Paz: recuperar o passado e integrá-lo no presente, reivindicando a totalidade da existência humana (a tradição e a experimentação, o novo e o ancestral, o universal e o local).

A transculturação deve constituir-se no enriquecimento humano das culturas e das trocas culturais, jamais a redução da vida a uma linguagem e estilos universais.

Não desejamos uma “má” globalização, ou seja, aquela que procura nos uniformizar e nos transformar em consumidores, eliminando a diversidade e o reconhecimento do outro, mas uma “boa” globalização, ou seja, aquela que aproxima povos, proporcionando trocas de saberes e possibilitando vivências fortalecedoras da nossa fraternidade.

O mundo do futuro deve afirmar a diversidade: um mundo repleto de outros mundos. Como disse alguém: “Tenho direito de ser diferente toda vez que a igualdade nos homogeneiza. Tenho direito de ser igual toda a vez que a diferença nos inferioriza”. Ou em versão análoga, dita por Terena, líder indígena do Brasil : “Eu posso ser quem você é sem deixar de ser quem sou”.

A busca do universal passa pelo particular. Somente me constituindo como sujeito posso aspirar igualdade na minha relação com o outro. E a arte cumpre um papel neste sentido. Dizendo quem sou, através do que faço, dialogo com os outros em um processo poroso que permite interpenetrações criativas através de formas, sons, cores e palavras.

Criar é inerente à condição humana. O ser humano se percebe e se reconhece naquilo que cria, transformando as coisas, dando a elas um sentido, um significado. E, ao transformar as coisas, o homem se transforma, em um processo dinâmico em que recria as coisas e a si mesmo.

Potencialmente somos todos criadores, e a arte, em suas múltiplas dimensões, é um campo incomensurável de possibilidades de exercício de criação.

A arte nos proporciona a possibilidade de vivenciar a diversidade cultural, possibilitando nos (re)conhecer neste processo criativo. Extirpando o

etnocentrismo que nos conduz a visões estereotipadas dos outros, incorporamos, pela arte, a nossa pluralidade, com suas diversas formas de construir e reconstruir o mundo. Vale dizer que, neste processo, as identidades estão em constante mutação.

É através do imaginário que o ser humano projeta no tempo a recriação do universo. A arquitetura do porvir, que pode ser projetada através da arte, nos permite múltiplas invenções, dando sentido a nossa existência e nos levando a agir.

Para Ianni, é “possível dizer que no futuro esconde-se a utopia. Pode ser uma projeção do presente, aprimorado ou purificado; mas também pode ser uma projeção do passado, idealizado. Há sempre algo de utopia ou nostalgia, quando se pensa o futuro, enquanto mundo possível, almejado. Em alguns casos, a imaginação do futuro envolve não somente a nostalgia como também a escatologia. Há futuros catastróficos, de par-em-par com futuros paradisiacos. Em todos os casos, o futuro guarda algo de ahistórico ou suprahistórico. Mesmo quando enraizado na previsão científica, o futuro que se desenha adquire algo de suspenso no espaço e no tempo, como fantasia ou alegoria. É por meio da fantasia e da alegoria que se torna possível alcançar o reencantamento do mundo”. (21)

1.4 Arte e educação

Conta Platão – conforme nos afirma Werner Jaeger na Paideia (22) - que era opinião corrente, no seu tempo, que Homero havia sido o educador de toda a Grécia. Um poeta educador de todo o seu povo é uma idéia que hoje nos parece estranha.

Nesta “aldeia global”, de múltiplas diferenças, seria possível pensar em um mundo “plural, solidário e responsável” na perspectiva de um paradigma poético coletivo?

Estamos longe desta utopia. Temos inúmeros padrões educativos e ideais bastante diferenciados acerca da sociedade que queremos formar. O que talvez, hoje, se possa buscar, desarmado de preconceitos, seja um padrão de convivência internacional compatível com um mundo mais igualitário. Questão difícil e complexa dado o nível de intolerância que possui inúmeras máscaras.

Perseguir este objetivo exige uma proposta educativa. Que esta proposta possa ser gestada pela poesia é algo que nos motiva e desafia.

Octavio Paz nos fala do poema como o “ideograma de um mundo que busca seu sentido, sua orientação, não num ponto fixo, mas na rotação dos pontos e na mobilidade dos signos”.(23) O que vem a ser esta proposição não sabemos. Sabemos, e é ainda Octavio Paz que nos fala - comparando a “atitude contemporânea” com a que prevalecia “há uns quinze ou vinte anos” - que a experiência poética “volta a ser física, corporal: hoje a palavra nos entra pelos ouvidos, toma corpo, se encarna. Não é menos revelador que a recepção de poemas tenda a ser um ato coletivo: à substituição do livro por outros meios de comunicação, e do signo escrito pela voz, correspondem a corporização da palavra e sua encarnação coletiva.” (24)

Falamos de poesia como algo que transcende o poema e nos emociona através das mais diversas expressões artísticas: dança, pintura, literatura, escultura, música, cinema...

O que gostaríamos de reter, na fala de Paz, é a “corporização da palavra e sua encarnação coletiva”. Há aí um agir que é próprio do ato intencional do educativo.

E aqui um parêntesis, ao falarmos de arte e educação, não advogamos que a arte deva estar atrelada à educação. A arte cumpre sua função educativa por sua própria forma de expressão. Exemplo disto é o projeto “Se essa rua fosse minha”, coordenado por Antônio César Marques da Silva, um dos participantes deste seminário (v. item 3.9 das *Experiências* deste Caderno). Trata-se de um projeto que trabalha várias atividades artísticas (circo, teatro, dança) com crianças e adolescentes vivendo em situação de rua.

Embora não se pretenda que todos os alunos se transformem em artistas, as próprias atividades em que se envolvem os faz repensar sua existência no mundo.

Mas vamos dar a palavra a dois jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro que descobriram a arte em seu lugar de moradia. Alan Pereira, de 17 anos, do projeto “Cultura na Favela”, patrocinado pelo Instituto Goethe, estuda dança. Ele diz que “ficava solto de bobeira, no morro, jogando bola. Se não estivesse na Companhia nem sei se estaria vivo hoje. Provavelmente teria entrado na vida do crime e morrido como meu pai e meu irmão de criação”. Andrea Macedo, de 22 anos, no projeto “Casa das Artes da Mangueira”, tem o sonho de ser fotógrafa profissional. O interessante, na sua fala, é que vê poesia onde não via: “Antes nem gostava da foto preto-e-branco, pois achava triste. Hoje consigo ver poesia nela e enxergar as coisas que estão à minha volta de forma diferente”.

Estes depoimentos (25) confirmam a função vital da arte na sociedade, que vai muito além – como nos diz Ernesto Grassi – “da expressão de genialidade de poucos, ou como um luxo; pelo contrário, deve ser reconhecida como um dos aspectos precípuos da existência humana e deve ser considerada nesta função.” (26)

Fayga Ostrower, conferencista que abriu o nosso encontro “Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário”, nos fala no mesmo tom: a criatividade – nos diz ela – “é algo inerente à própria condição humana. Assim, longe de constituírem qualidades excepcionais ou talvez anormais, a criatividade e os múltiplos atos da criação que dela resultam devem ser entendidos como estados e comportamentos *naturais* da humanidade. Naturais, no sentido de serem próprios do homem. O homem é um ser criador, naturalmente, espontaneamente, e não excepcionalmente.” (27)

Ao fazer esta afirmação Fayga não está negando a existência de artistas excepcionais que atingiram o ponto extremo de potencialidades existentes no ser humano.

Para tentar mudar o que nos circunda precisamos de um projeto com uma finalidade coletiva. A educação, que forma, transforma, é uma via neste sentido porque é um ato de vontade, uma intervenção visando um objetivo a ser atingido.

Mas para atingir o que queremos temos que abandonar o “realismo” daqueles que, como nos lembra Alfredo Romaña, economista peruano, através da fala de Ernesto Sábato: “destroem rios, mares inteiros, enterram lixo nuclear ignorando... que um átomo radioativo existe para sempre, destroem selvas como a amazônica. Destroem, finalmente, a alma do homem, convertido nos chamados países civilizados em mera engrenagem. E o pior de tudo, estão destruindo a alma das crianças e dos adolescentes. Por isso, a droga não é um problema policial, como crêem estes estúpidos, mas um problema psicológico e espiritual”. (28)

Makarand busca o reverso deste realismo perverso, ao nos falar de J. Krishnamurti, que “acreditou que a verdadeira criatividade provém de estar em contato com a Realidade. Infelizmente, nós realmente perdemos a

habilidade para ver, ouvir, tocar, sentir por meio do paladar, do gosto e do aroma. Nós vemos o presente pelo passado, por memória, por condicionamento. O resultado é que nós não podemos experimentar o presente em sua pureza. O presente sempre é novo, enquanto sempre fluindo, portanto a matriz de toda a criatividade”.

Makarand critica nossa pedagogia confinada ao desenvolvimento intelectual e nos pergunta: O que dizer do treinamento dos sentidos? Abre-se aí todo um campo de reflexão a que não estamos acostumados a pensar e que, talvez, seja fundamental na tentativa de reencantar o mundo.

2. Proposições

2.1 – A conexão arte-sociedade

A arte é inseparável da realidade social, econômica, política e cultural dos diversos países. Hoje, ela tem um papel fundamental na religação da sociedade, na reorganização do tecido social desfeito pela mercantilização das relações e pela violência. Particularmente entre os jovens, a arte torna-se a única linguagem possível de compreensão, de comunicação intergeracional. Com a homogeneização do discurso de mudança, a política tem pouco a dizer e a arte assume uma importância nunca vista.

A crise de paradigmas traz para o campo da resolução dos problemas a incerteza, a poética, o imprevisível e não apenas a certeza anterior. Quando se fala do papel da arte, não se quer dizer que ela deva servir a uma boa causa empobrecendo-se esteticamente. A beleza é fundamental para os seres humanos e com isso a arte vale por si.

No entanto, é preciso contextualizar seu poder criativo, seus usos e sua capacidade de gerar encantamento. Todos devem ser criadores de arte e não apenas alguns poucos. Portanto, o direito de criar é condição de uma qualidade de vida superior. Deve-se facilitar o acesso à arte pelos povos e lutar por um consumo de qualidade.

Finalmente, a arte tem um papel de tornar o mundo digno de ser vivido, reencantando-o, tornando-o um lugar não apenas da luta pela sobrevivência cotidiana, mas um lugar da imaginação criadora, do sonho e da utopia. É importante resguardar a importância da arte como transformadora de pessoas portadoras de uma nova visão de ser humano e a sua contribuição para elevar a auto-estima, humanizar e emancipar o espírito. Enfim, contribuir para tornar as pessoas e as sociedades melhores.

2.2 - Estimular a responsabilidade social do artista

Ezra Pound afirma que os artistas são as antenas da raça. No nosso entender, isto quer dizer que a sensibilidade capta linguagens, imagens, realidades além do real concreto e do imaginário. A arte é produto da imaginação criadora, mas é também problematizadora do real. Otávio Paz diz que através da Poesia revela-se um mundo e cria-se outro. Por tudo isto o artista tem um lugar importante na sociedade, é merecedor de um respeito especial pela sua sensibilidade e criatividade, torna-se muitas vezes referência e, algumas vezes, mito. A arte contribui, por sua vez, para formar uma comunidade de emoções. Logo, o papel do artista é central para mudar a realidade dos diversos países e para enriquecer o imaginário e assim ampliar as possibilidades da qualidade de vida material e espiritual.

Além da sua arte, o artista, como cidadão pode gerar referências de comportamentos éticos e contribuir para mudanças políticas e culturais das diversas sociedades. pois os processos de modernização e globalização tendem a criar uma cultura de mercado que nega os ricos processos culturais dos diversos países.

2.3 - Defender o direito à cidadania cultural

É central em nossas sociedades não apenas a defesa de uma melhor qualidade material de vida, o desenvolvimento econômico, a superação da pobreza, a melhoria das condições de vida, a preservação do meio ambiente, a renovação da política, mas também o direito à cultura e à cidadania cultural. Nas sociedades contemporâneas, esta deve ser uma trincheira de luta permanente, pois os processos de modernização e globalização tendem a criar uma cultura de mercado que nega os ricos processos culturais dos diversos países.

A defesa da cidadania cultural deve ser entendida também como o direito à invenção sem negar a valorização da cultura ancestral. Cidadania cultural é o direito à liberdade de criação cultural, o direito à participação da sociedade nos processos de decisão cultural, o direito à informação, o direito à expressão da diversidade como fundamento de uma verdadeira democracia cultural. Hoje, a luta por sociedades justas e sustentáveis deve incluir a cidadania cultural como ingrediente imprescindível dos processos de mudança.

2.4 - Fortalecer a diversidade cultural dos diversos países e regiões e estimular a interculturalidade

Cada cultura tem sua história, sua riqueza é a sua singularidade, sua formação própria. É no interior de sua diversidade que encontram-se soluções para os grandes desafios da humanidade. No entanto, a defesa da diversidade como fator de enriquecimento cultural não deve impedir a interculturalidade nem a defesa cega das tradições. Algumas culturas, ao mesmo tempo que vivenciam ricas narrativas e mitos, desrespeitam os direitos humanos. Isto é inaceitável. A experiência da interculturalidade pode trazer para estas culturas parâmetros de direitos desconhecidos em sua história .

Não há qualidade de vida superior e exercício pleno da cidadania sem a defesa da diversidade cultural. A unidade do país, da região ou da localidade não deve jamais inibir a rica diversidade e pluralidade de cultura que enriquecem a vida concreta e o imaginário das diversas sociedades.

2.5 - Fortalecer a identidade cultural frente aos processos de globalização

O processo de globalização tem se expandido por todo o mundo e descaracterizado ricas culturas, mercantilizando relações antes apoiadas na vida comunitária, na gratuidade e nas trocas afetivas e simbólicas. A economia-mundo tem estimulado o surgimento também de uma cultura-mundo, isto é de uma mundialização dos objetos e do imaginário. No entanto, os movimentos sociais e culturais e as fortes identidades locais têm criado um campo de reapropriação cultural, reelaboração das culturas ou mesmo movimentos de resistência cultural a uma mundialização que destrói e

descaracteriza culturas. Entendemos que no local está a essência e no global a aparência, como diz o professor Milton Santos.

A defesa da identidade não está em negar o processo de globalização, ou seja, o encontro de várias culturas no mundo, mas em defender tradições e rupturas com o rosto e as cores dos impulsos mais generosos da localidade. É nela que os seres humanos criam a partir de suas heranças culturais modos de vida sustentáveis. A defesa de uma globalização da solidariedade, cosmopolita e multicultural deve estar no nosso horizonte.

A partir da defesa do patrimônio cultural e artístico dos diversos povos deve-se buscar a unidade e a complementação das culturas através do diálogo intercultural. Isto permite evitar o etnocentrismo e estimular a abertura de cada cultura para outras matrizes culturais. A valorização das raízes, etnias e raças, religiões, história partilhada, manifestações culturais, expressões artísticas deve ser a base onde se estruturam os processos identitários.

2.6 - Estimular ações de ocupação cultural dos espaços públicos pela população

A arte deve sair dos “templos” institucionais de produção cultural para ambientes acessíveis ao cidadão comum: a comunidade, a praça, a rua, o viaduto, a estação do metrô devem ser lugares de criatividade e difusão da arte e da cultura. Os artistas devem sair do seu pedestal para o encontro com o cidadão comum, misturar-se à realidade da vida e ampliar os usos da cultura e da arte. Difundir a arte, dessacralizá-la é condição para a ampliação do papel da arte da sociedade e o reencantamento do mundo através da linguagem artística.

2.7 - Construir a Cultura da Paz

As nossas sociedades, com suas guerras mercadológicas, militares e civis, plantadas no cotidiano - guerras silenciosas fruto da competição e da desagregação -, praticamente não conhecem uma paz duradoura. A cultura da paz deve se constituir em uma bandeira das mais importantes não para o Império reinar sobre o consenso e o silêncio dos dominados mas como condição de construirmos uma sociedade mais feliz em todos os campos das atividades e da convivência humana.

Neste sentido a arte como formadora de comunidades de emoção, de celebração da coletividade, pode vir a desempenhar um enorme papel, como essência agregadora e formadora da paz. Neste sentido pode-se levar campanhas pela Paz, movimentos pelo desarmamento, movimentos de Arte e Paz nas escolas, encontros de arte e paz entre os jovens e ações simbólicas pela paz, como é exemplo os Tambores da Paz.

O diálogo inter-religioso, que neste momento se intensifica, pode contribuir muito para a paz no mundo.

O mesmo pode ocorrer com a arte que tem uma linguagem universal. É necessário mostrar que a linguagem da arte é convergente com a paz na convivência cotidiana.

Os meios de comunicação têm sido um dos grandes propagadores da guerra no planeta. Não será possível reverter a função destes meios na construção da paz? Propomos resistir pacificamente e com arte contra a crueldade do mundo, gerando valores de não-violência e solidariedade, levando em conta:

- o respeito e a dignidade da vida das pessoas sem discriminação nem preconceitos;
- a rejeição da violência sob todas as suas formas: físicas, sexuais, psicológicas, econômicas, sociais;
- a diversidade cultural;
- o diálogo e a escuta que previnem o fanatismo, a difamação e a exclusão;
- o respeito à vida buscando a harmonia da comunidade;
- a democracia como forma de solidariedade.

2.8 - Fortalecer as trocas culturais entre os diversos países

Defendemos que um dos papéis fundamentais do chantier (29) e do colégio de artistas (30) deve ser o intercâmbio cultural. Constatamos que pouco sabemos das nossas próprias culturas e muito menos das culturas de outros povos.

Assim podemos realizar imersões planejadas em nossos próprios países com a presença de aliados de outros países e caravanas interculturais, como é o caso da Caravana Africana pela Paz e a Solidariedade, que busca vivenciar e estabelecer pontos comuns e diferentes para um diálogo intercultural. A troca através de encontros e via internet não é suficiente para um verdadeiro diálogo intercultural. O contato e o “choque” intercultural é vital para a transformação das nossas sociedades e o papel ativo do chantier e do Colégio dos Artistas no contexto mundial. Defendemos também a construção do chantier e colégio dos artistas nos diversos países.

3. Experiências

3.1 - Conversas de rua

Trata-se de uma das experiências da Aliança por um Mundo Responsável e Solidário no Brasil. A Conversa de Rua é uma ocupação do espaço público (rua, praça, metrô, viaduto, avenida, pátio, parque etc) por um número de pessoas para apresentar e debater com a população temas relevantes: a construção da paz, ecologia, arte e cultura, a condição da mulher, a renovação da política etc. O tema geral é a cidade que queremos. A idéia é ter experiências presenciais, de contato direto com a população e não apenas através das redes e da internet.

Esta proposta envolve milhares de pessoas que circulam nas ruas e atinge grande parte da sociedade através da mídia. Em Vitória, estado do Espírito Santo, Brasil, grupos culturais conversaram com a população sobre racismo, equilíbrio de gênero, cultura, direitos humanos, segurança alimentar. Em São Paulo, o grupo da Aliança debateu a renovação da política em pleno centro da cidade e participou e organizou a lavagem da Câmara Municipal promovida pelo movimento nacional "De Olho no Voto". Nesta proposta a idéia da arte é fundamental, é ela quem conecta as pessoas, o debate desenvolve-se permeado pela arte todo o tempo. Apresenta-se música popular, música clássica, teatro de mamulengo, bandas e outras manifestações artísticas. A ação simbólica também é fundamental para dar relevância as Conversas de Rua.

3.2 - Ballet Stagium

Trata-se de um dos grupos de arte mais conhecidos e respeitados do Brasil. Nos anos 70 viajou e fez apresentações nas mais diferentes regiões do país. Em 1974, por exemplo, percorreu o rio São Francisco, nordeste do Brasil e apresentou-se nas vilas a margem deste rio. Um grupo de 150 artistas apresentava espetáculos nos lugares mais insólitos, ensinando movimentos de balé para as populações locais, organizava sessões de dança com crianças etc.

A partir de 1990 o Ballet Stagium começa a trabalhar a dança na relação com a educação incluindo os pais e as crianças no espetáculo. Este grupo passa a ensinar técnicas corporais, técnicas de postura aos professores que nada sabiam disso. A coordenadora do balé, Máríka Gidalli diz : “O professor chega torto e sai direito. Ele começa a realizar atividades em classe cuja existência não chegava a supor. O professor adquire mais concentração e criatividade no trabalho com seus alunos. Ele começa a trabalhar sem ajuda das palavras.”

O Ballet Stagium desenvolve também muitas outras atividades com crianças pobres, com prisioneiros, doentes, meninos e meninas de rua. Através da arte estas pessoas mudam sua maneira de ver o mundo, a sua atitude em relação a vida, valores, maneiras de ensinar e aprender. Assim eles contribuem para a recuperação da auto-estima e a afirmação da cidadania.

3.3 - Projeto Alagoas Presente!

Projeto desenvolvido pela artista plástica Marta Arruda na cidade de Maceió e outras cidades do interior de Alagoas, nordeste do Brasil. Este

projeto tem por objetivo promover momentos de lazer através de atividades artísticas, estimular e fomentar novos valores artísticos como uma forma de contribuir para os processos da educação. Ele propõe-se a desenvolver na população o interesse na preservação dos trabalhos do artesanato local, as danças, a música, a literatura, preservar os recursos culturais e criar condições de uma melhor qualidade de vida. É um trabalho educativo, sem fins lucrativos, que nasceu e funciona da colaboração entre as pessoas, voluntários, empresas privadas, doações e ajudas eventuais dos governos locais desta região.

O projeto ensina artes plásticas nas cidades, oficinas de colagem, papel *maché*, argila, pintura em cerâmica, desenho, organiza conferências, apresentações folclóricas, confecções de murais. Estimula a criação e a divulgação de artistas locais. O projeto atingiu cerca de 10 mil pessoas nos lugares que percorreu. É uma verdadeira caravana cultural que abre novos caminhos, mobiliza pessoas, particularmente jovens, engaja o poder público, desperta vocações e novos valores artísticos, gerando ações multiplicadoras.

3.4 - Barracões Culturais da Cidadania

De 970 experiências de gestão pública e cidadania este projeto foi selecionado pela Fundação Ford e Fundação Getúlio Vargas entre as 20 mais importantes experiências brasileiras. É uma experiência que tem lugar em Itapeverica da Serra, cidade de 130 mil habitantes, cerca de 30 quilômetros da cidade de São Paulo. É uma expansão da metrópole paulista, com altos índices de violência, disputa entre grupos armados ligados a droga e muita miséria. As casas são precárias e existem poucos espaços públicos.

O projeto propõe-se a criar espaços alternativos em todos os bairros com materiais de baixo preço, por isso chamam-se barracões, como eucaliptos, bambu e paredes de taipa. A idéia é construir estes imóveis com a população de forma que ela possa apropriar-se destes espaços e utilizá-los para atividades sociais e discutir os graves problemas dos bairros.

A idéia mais importante é contextualizar as atividades artísticas e culturais num cenário de afirmação da cidadania, ligar a arte com um conjunto de atividades sociais que vão de eventos culturais a campanhas pela paz e envolvimento no orçamento participativo da cidade. As atividades artísticas são organizadas a partir das oficinas culturais com várias linguagens: teatro, dança, orquestra, tambores, violino, teclado, musica etc.

Hoje já existem vários grupos de dança formados por mulheres que descobriram pela arte o seu poder e o seu papel na sociedade. Observa-se, também neste trabalho, uma mudança no comportamento dos jovens que antes usavam droga. Alguns dizem se sentirem melhores enquanto seres humanos, passando a ter uma maior participação nas atividades escolares e na vida comunitária.

3.5 - Museu e público especial

Trata-se de uma exposição no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC) que atende a um público de deficientes visuais.

O material didático é de fundo multi-sensorial. Uma parte do material é produzido com borracha e papel maché de maneira a possibilitar uma investigação de texturas que eles tocam com seus dedos. A arte assim pode ser receptora de um público que habitualmente não frequenta esses espaços. Em

1998 o Museu de Arte Contemporânea organizou uma exposição de pintura com uma seleção de dez obras: oito quadros a óleo e dez esculturas em bronze. Em cada quadro havia uma reprodução em relevo, uma em papel maché e outra em borracha, que permitia a pessoa com deficiência visual tocar e apreciar a obra. O trabalho se completa quando o portador de deficiência recebe conhecimentos de história da arte e informações sobre o trabalho artístico. No final de cada visita o visitante recebe um catálogo com uma versão em braile sobre a exposição .

3.6 - A consciência ecológica e a educação através da arte

Este trabalho é desenvolvido pelo Movimento Artistas pela natureza, uma organização não governamental que reúne em torno de 500 artistas e pedagogos brasileiros. O movimento existe desde 1977 e já criou associações e parques ecológicos, realiza atos simbólicos, organiza lutas e promove manifestações. Depois de muitos anos de ação o movimento criou o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, na região central do país.

Em 1986 reuniu 145 artistas brasileiros na região do Pantanal e da Chapada dos Guimarães para realizar uma exposição denominada “Artistas pela Natureza”. Entre 1992 e 1993, os participantes deste movimento empreenderam uma peregrinação através do Rio São Francisco, à pé pelas margens e de barco de forma a difundir valores ecológicos e culturais. Este movimento organizou manifestações de apoio a preservação das águas e lançou um manifesto intitulado “O rio de águas sujas”. O movimento foi convidado pela UNESCO para elaborar o livro que vai traçar as linhas da educação ambiental no Brasil.

A arte é a motivação de todas as ações e a maior parte dos participantes são artistas, arte-educadores ou educadores sensibilizados com esta linguagem. O inspirador e organizador deste trabalho é o artista e escritor Bené Fontelles, com vasto trabalho artístico e parceiro de Gilberto Gil.

3.7 – Movimento Arte contra a barbárie

É um movimento apartidário, fundado há três anos, que congrega pessoas ligadas ao teatro e à cultura, que se uniram diante de um denominador comum: o entendimento de que o exercício do teatro implica numa ética e num compromisso social.

Em 26 de junho de 2000 o Movimento Arte contra a Barbárie lançou seu terceiro Manifesto, assinado por mais de 600 artistas, em que propõe a criação de Programas Permanentes para as Artes Cênicas nos âmbitos municipal, estadual e federal com recursos públicos orçamentários geridos com critérios públicos e participativos.

Em julho de 2000 o Movimento inaugurou o “Espaço da Cena”, destinado a encontros públicos quinzenais com o intuito de aprofundar a reflexão sobre as necessidades da produção artística e como propiciar amplo acesso da população aos bens culturais.

3.8 – Tambores pela Paz

Os “Tambores pela Paz” é uma ação internacional simbólica, ligada à **Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário**, que busca resgatar

uma das funções dos tambores entre povos antigos: espantar a doença e o mal. Ao invés de chamar para a guerra, chamar para a paz.

Neste ano os Tambores para a Paz estarão presentes nos quatro encontros continentais da Aliança (Tanzânia, Índia, România, Equador; além de um encontro regional no Líbano).

No dia 1^o de maio de 2001 foi realizado em São Paulo, Brasil, no SESC da Vila Mariana, uma celebração interativa de Tambores pela Paz com a animação do músico baiano Gereba e de vários convidados, além dos participantes do encontro Mundial da Aliança “Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário”. Este evento foi a primeira divulgação pública da ação “Tambores pela Paz” da Aliança.

O objetivo desta iniciativa é envolver e mobilizar músicos, artistas, educadores e lideranças de movimentos sociais para que se comprometam com esta ação simbólica, criando, todos os anos, uma Sinfonia Intercultural pela Paz.

3.9 – Se essa rua fosse minha

O projeto do “Se essa rua...” teve início em 1991, reunindo quatro grandes ONGs: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), Instituto de Ação Cultural (IDAC), Instituto de Estudos da Religião (ISER) e Federação dos Órgãos de Assistência à Educação (FASE). O efetivo trabalho com crianças e adolescentes nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, começou no ano seguinte, com grande respaldo da mídia, não só por causas das ONGs envolvidas, como pela participação de artistas e jogadores de futebol conhecidos.

Desde a sua origem o “Se essa rua...” privilegiou o lúdico na realização do seu trabalho. No início era uma questão nova porque este tipo de atividade, até então, sempre se caracterizava pela idéia de sacrifício, talvez uma herança da militância de esquerda do final dos anos 60 e início de 70.

Este lúdico se materializava no tipo de trabalho que o “Se essa rua ...” realizava e pelo qual é até hoje conhecido: circo, dança, teatro, capoeira.

3.10 – Oficina Livre do Conhecimento e Escola de protagonistas (= + ≠)

A Oficina Livre do Conhecimento é um método de ensino para o exercício da criatividade e valores humanos voltado para o jovem que vive em situação de risco e educadores atuantes nesse segmento. Através da arte-educação, conscientiza o jovem sobre o seu papel de protagonista da história, estimulando a ser atuante na sociedade e multiplicador da cultura da não-violência dos valores humanos.

A Escola de Protagonistas é um programa de arte-educação que trabalha com adolescentes de ambos os sexos, na faixa de 14 a 20 anos, buscando criar alternativas que os tornem pessoas autônomas e criativas.

Os objetivos da escola são, entre outros:

- estimular a sociabilidade;
- promover o desenvolvimento da confiança em si e no outro;
- disseminar uma consciência crítica entre os jovens da comunidade;
- encaminhar jovens em situação de risco para o mercado de trabalho;
- sensibilizar o mercado de trabalho para o potencial do jovem carente.

3.11 – Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC)

O FIC é uma articulação formada por movimentos culturais, gestores, técnicos do poder público, criadores de cultura e arte de várias regiões do país, com o objetivo de debater e construir alternativas para as políticas culturais locais e contribuir para a criação da esfera pública e democrática da cultura.

Desde sua criação, em 1995, o FIC a partir da realização de Encontros Nacionais, documentos de cultura e publicações etc., tem se constituído como referência na construção de políticas culturais municipais.

Estimulando ações que fortalecem o desenvolvimento humano através da cultura e da arte, o FIC propicia a aproximação de agentes culturais públicos e privados, técnicos e gestores de governos, artistas, pesquisadores e professores universitários, especialistas da cultura e de serviços voltados para a cultura e o lazer.

No caso de uma metrópole como São Paulo, que padece de superpopulação, violência, pobreza, poluição, além de altos níveis de exclusão social e cultural, o FIC propõe pensar políticas públicas locais com ações culturais descentralizadas. O objetivo desta proposta é garantir o acesso à produção e fruição de bens culturais para as áreas periféricas da cidade e, simultaneamente, o apoio aos movimentos que já acontecem, como os movimentos pela paz e pela construção da cidadania.

3.12 – Projeto Porandussara

O projeto Porandussara (narrador, em tupi) existe há quatro anos e se propõe formar um acervo de mitologias nativas. O objetivo é dar a conhecer

aos brasileiros um conhecimento de uma matriz ancestral de seu patrimônio cultural.

O projeto desdobra-se em apresentações teatrais e oficinas de histórias para que grupos locais possam ser formados no resgate de suas raízes.

Atualmente os responsáveis pelo projeto buscam alianças com entidades da sociedade civil para fortalecer a ampliação e divulgação do seu trabalho.

3.13 - Projeto no metrô

Desde 1993 o metrô de Paris propõe a seus usuários a exposição de seus poemas. Em alguns ramais são afixados textos bilingues de poetas estrangeiros. No primeiro caso, os passageiros são convidados a uma autoria inusitada; no segundo destaca-se a abertura para a diversidade cultural marcada por dois idiomas atravessados pela linguagem universal da poesia.

Além disso, um concurso é organizado periodicamente. Em 1998 concorreram 7000 pessoas. Os melhores poemas foram selecionados e afixados no metrô em alternância com poetas “reconhecidos”, além de serem publicados pelas edições “Le Temps des Cerises”.

3.14 - Festival do primeiro romance (Chambéry, França)

Na cidade de Chambéry se realiza, há treze anos, um festival – atualmente reproduzido em outras cidades francesas – muito original. Cada ano são selecionados, da produção literária do país, o primeiro romance de novos escritores. Estes livros circulam nas bibliotecas, nas prisões, nas escolas etc. e são debatidos em diversos grupos. Após este primeiro momento

faz-se uma consulta popular e se atribui a “pena de ouro” a dez escritores, que são convidados a se encontrarem com seus leitores em Chambéry. Dá-se, então, uma intensa relação entre leitor e escritor.

O prestígio desta manifestação, que se iniciou de forma modesta e artesanal, faz com que autores omitam seu primeiro livro para concorrer a este festival.

3.15 - Tarace Boulba (Montreuil, França)

Tarace Boulba é um conjunto funk e, também, uma associação cujo objetivo é promover a todos o acesso gratuito à música. Fundado em Montreuil, ficou muito conhecido por sua presença nos movimentos sociais na França e em outros países europeus.

Aberto a todas as camadas sociais, Tarace Boulba é, a um só tempo, um grupo e um movimento de músicos que busca um desenvolvimento pessoal e coletivo através da sociabilidade que se estabelece entre seus membros.

3.16 - Ateliês de portas abertas (Bas-Montreuil, França)

Este movimento, organizado por artistas no Bas-Montreuil, em setembro de 1998, teve por objetivo a valorização do modo de vida local. Hoje em dia conta com o apoio dos órgãos municipais e se espalhou por vários lugares da França onde, uma ou duas vezes por ano, os artistas abrem seus ateliês à visitação da população.

3.17 - Itinerâncias teatrais de Montreuil (França)

Este movimento, organizado por artistas de teatro, teve origem em um antigo festival patrocinado pelo município de Montreuil que, por questões econômicas, o suspendeu. Trata-se de uma experiência interessante porque sai das salas de espetáculo e leva o teatro para as ruas, cafés e apartamentos.

3.18 - Excalibur (Montreuil, França)

Excalibur é uma associação de formação e inclusão social de jovens desempregados através da arte em espaço público. Entre seus projetos destaca-se a pintura nos muros da cidade de Montreuil.

Embora numerosas instituições trabalhem com jovens desempregados, Excalibur se destaca pela originalidade do seu projeto: a produção e a exposição de arte nos muros da cidade.

Após cinco anos de atividade, esta associação apresenta um saldo altamente positivo: 75% dos seus participantes conseguiram uma qualificação para este tipo de trabalho.

Bernard Héloua, que coordena este projeto, repete sempre a seus pintores de murais que é possível “vencer sem destruir”. É significativo o diálogo que teve com um deles:

- Quanto tempo dura uma pintura mural?
- Uma dezena de anos...
- Então, tudo bem, vou poder mostrá-la ao meu filho...

3.19 - Doual'Art (Douala, Camarões)

Doual'Art é um centro de arte contemporânea, na cidade de Douala, Camarões, que apoia o desenvolvimento social e cultural através da arte, procurando a integração social em torno de questões estéticas. Buscando a apropriação do espaço urbano por seus habitantes Doual'Art desenvolve uma série de atividades.

Uma delas consiste em selecionar artistas plásticos para desenvolverem atividades em bairros populares. Em ateliês eles aprendem a ter um olhar crítico acerca do meio em que vivem, desenvolvendo um desejo de aperfeiçoamento pessoal.

Outra atividade de Doual'Art é a formação de grupos de teatro. Neles os jovens são estimulados a escrever peças teatrais sob a direção de profissionais, fazendo apresentações em bairros pobres. Para estes grupos é uma oportunidade de liberar a palavra e convidar os adultos a empreender ações de intervenção no planejamento local.

Outra proposta de Doual'Art foi a implantação de obras permanentes na cidade. O artista Joseph Sumegn  recebeu um convite e concebeu uma escultura monumental de 12 metros, "A nova Liberdade", realizada com material reciclado. A obra   uma valoriza o do processo de reciclagem que rege boa parte da vida econ mica (produ o e consumo) dos cidadãos de Camarões.

A escultura foi instalada em um cruzamento onde, há vários anos, o trânsito era impraticável. Isto mobilizou a opinião pública e a imprensa, possibilitando a reabilita o do local.

3.20 - Caravana Africana pela Paz e a Solidariedade

A Caravana Africana pela Paz e a Solidariedade, uma iniciativa que nasceu no contexto da *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário*, iniciou suas atividades em junho de 2000 e percorreu, durante um ano, trinta e cinco países. Esta longa jornada culminou com um encontro, em junho de 2001, em Dar-Es-Salaam, na Tanzânia.

Ao longo deste itinerário a Caravana participou de um grande número de eventos sociais e culturais, refletindo e debatendo questões sensíveis ao continente africano: a renovação da política, problemas relativos à governança, movimentos sociais, saúde, educação, economia, descentralização e integração regional, cultura, valores, arte.

Um dos objetivos mais importantes da Caravana é encorajar a paz no continente criando visibilidade aos programas e projetos de paz em países em conflito. Neste sentido busca reforçar a capacidade dos que buscam este objetivo, criando redes e ampliando seu nível influência.

Além deste objetivo destaca-se a formulação de propostas para o século XXI em torno de quatro grandes temas: governança e cidadania, educação e juventude, agricultura e economia, valores e cultura.

A Caravana Africana continuará o seu trabalho formando uma rede permanente pela paz e a solidariedade na África.

3.21 - Shalom Salam Paz

Shalom Salam Paz é um movimento de cidadãos das comunidades judaica e árabe-palestinas que vivem no Brasil e buscam, através da arte e da educação, incentivar uma convivência solidária entre ambos os povos. O SSP

exibe, permanentemente, exposições de 67 artistas palestinos e israelenses em espaços tão diversificados quanto: assembléias legislativas, câmaras municipais, centros de ensino, sindicatos etc., estimulando a divulgação de poesia, música e dança.

Um dos projetos do SSP é uma Mostra Nômade de Obras de Arte, que deverá permanecer errante até Israel e Palestina assinarem um acordo de paz que permita a criação de um estado palestino independente e soberano, vizinho ao estado de Israel. Quando isto ocorrer será criado, com a participação da ONU, um Museu sem Fronteiras, perpassando os dois lados de Jerusalém.

3.22 - Festas da Cultura (Santiago, Chile)

Iniciativa do atual governo, estas festas reúnem um grande número de pessoas em um parque em Santiago, onde se realizam inúmeras atividades para adultos e crianças: teatro, dança, música, poesia etc. Trata-se de um evento que mescla cultura com recreação.

Paralelamente, com o objetivo de descentralizar a produção cultural chilena, estão se desenvolvendo atividades análogas em outras regiões do país. Na região de Tarapacá, por exemplo, foram exibidos documentários, em vídeos, sobre a vida Andina. O mesmo evento se realizou em Iquique.

Em Valparaíso, no último sábado de cada mês, ocorrem várias manifestações artísticas nas ruas, reunindo um grande número de pessoas.

4. Propostas

4.1 Encontros

- Dar continuidade aos encontros de artistas da Aliança: mundiais, nacionais e regionais/ locais.
- Criar espaços de reflexão e intercâmbio para os artistas com o objetivo de potencializar seus compromissos sociais.
- Promover intervenções e diálogos artísticos para populações excluídas.
- Criar alternativas artísticas para crianças.
- Criar núcleos e escolas de arte em lugares carentes.
- Promover ações artísticas entre etnias e mulheres e homens em diferentes cidades e países.
- Desconstruir preconceitos relativos a etnias, opções sexuais, classe social etc., através da arte.
- Introduzir a dimensão arte integrada à educação.
- Criar jogos cooperativos como alternativas a competitividade destrutiva dos video-games.
- Aproximar os jovens das linguagens artísticas.
- Mapear, em cada país, experiências sociais que utilizam a arte como linguagem.
- Fortalecer a integração de grupos temáticos, por exemplo: arte e juventude.
- Apresentar as propostas da Aliança em escolas, sindicatos, Ongs, universidades etc.
- Criar “chantiers” em vários países.
- Estimular a criação de associação de pintores, escritores, cineastas etc.

- Promover apresentações transculturais de música. Ex: apresentação de ritmos indianos para uma comunidade negra e vice-versa.

4.2. Comunicação

- Debater temas relevantes na Rede Mundial de Artistas através do Fórum Eletrônico, a exemplo do que aconteceu de fevereiro a março de 2001, com o tema “Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário”.
- Criar uma revista que sirva de estímulo ao debate de temas relativos à arte e à cultura, contendo poemas, contos, artigos, fotografias etc. dos artistas da Aliança.
- Enriquecimento do *Website* da Aliança com textos sobre Arte e Cultura para fortalecer a rede de artistas.
- Criar novas formas de comunicação dos artistas com a sociedade pela sensibilização através de sons (como o exemplo dos Tambores da Paz), sem a interferência direta da palavra, que ressaltem valores da união, da harmonia e da cooperação.
- Ocupar espaços nos meios de comunicação para dar maior visibilidade a temas relevantes que não são contemplados pela mídia.
- Estimular a criação de meios de comunicação alternativos.
- Divulgar as propostas da Aliança nos meios de comunicação alternativos e na mídia.
- Formar um grupo de suporte eletrônico para facilitar a comunicação entre artistas.

4.3 Intercâmbio

- Promover intercâmbios entre países e regiões.
- Realizar Caravanas Culturais com mensageiros de diversos países para estimular as trocas interculturais, com atividades artísticas e pesquisa de estórias, imagens etc.
- Estimular a criação de redes para mapear e divulgar tradições populares.
- Trocar experiências entre arte-educadores que trabalham com populações excluídas.
- Realizar encontros e seminários para agentes culturais públicos que trabalham com comunidades.
- Estimular a formação de redes de artistas e encontros de linguagens específicas.

4.4 Formação

- Criar espaços para o aprendizado, debates e vivências de experiências estéticas.
- Ocupar espaços institucionais (escolas, centros culturais, conselhos comunitários etc) para reflexões e vivências artístico-culturais.
- Estimular a criação e distribuição da arte e cultura.
- Tornar o nosso trabalho disponível para o maior número de pessoas através de exposições transculturais, leituras, debates, intercâmbios, individuais e institucionais, viagens e vivências.
- Desenvolver ações coletivas e compartilhadas dos artistas visando a conquista de espaços alternativos de circulação das obras de arte.
- Estimular a criação de fundos de apoio à criação artística.

- Desenvolver pedagogias que estimulem a criatividade de adultos e crianças.
- Realizar pesquisas que identifiquem caminhos alternativos de circulação, afirmação e reconhecimento da arte, contribuindo para a libertação da arte e da produção cultural da exploração pelo mercado.
- Elaborar políticas culturais que democratizem a criação artística e o acesso a um consumo de qualidade da arte.
- Estimular a formação de espaços públicos para criação e fruição da arte
- Criar espaços, canais e formas de relação mundiais que garantam a comunicação e a circulação do que é produzido em cultura
- Identificar formas de socialização que relacionem a produção artística com aquilo que nos libera.

4.5 Cultura da Paz

- Realização de encontros sobre o tema Arte e Cultura da Paz.
- Animação e multiplicação dos “Tambores pela Paz” estimulando a criação de uma Sinfonia Intercultural pela Paz, em caráter permanente.
- Realização de encontros públicos e “Conversas de Rua” (como as que são realizadas no Brasil) sobre a Cultura da Paz.
- Leituras de textos e poemas referenciados a paz em lugares públicos e escolas.
- Caminhadas pela Paz.

NOTAS

1. CASTORIADIS, Cornelius. Via sem saída?, in **O mundo fragmentado – As encruzilhadas do Labirinto/3**. Paz e Terra, RJ, 1992, págs. 106/7.
2. Carta aos Candidatos, **Fórum Intermunicipal de Cultura**, Pólis, SP, 1999, pág. 1.
3. COELHO, Eduardo Prado. **Jornal do Brasil**. Cadernos Idéias, 3 março 1991, pág. 4.
4. IANNI, Octavio. **Futuros e utopias da modernidade**. Texto digitado, 11 de abril de 2001, SP.
5. WIESEL, Elie. Prefácio, in **A intolerância**, Bertrand Brasil, RJ, 1998, pág. 7.
6. CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. Companhia das Letras, SP, 1998, págs. 90/1.
7. BUARQUE, Cristovam. Os círculos dos intelectuais, in **Ética**, UNB, Brasília, 2000, pág. 94.
8. Notícia do jornal, do Rio de Janeiro, **O Globo**, de 17 de agosto de 2001.
9. Reportagem do *Caderno B* do **Jornal do Brasil**, de 11 de agosto de 2001, em reportagem intitulada *A cultura desafia a realidade*.
10. BUARQUE, Cristovam. Os círculos dos intelectuais, in **Ética**, UNB, Brasília, 2000, pág. 98.
11. ROSSI, Clóvis. Muito além do mercado. **Folha de São Paulo** de 11 de setembro de 2001.

12. PAZ, Octavio **Los signos en rotación y otros ensayos**. Alianza Editorial, Madrid, 1971, pág. 308.
13. BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. Companhia das Letras, SP, 2001, pág. 14.
14. NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. Companhia das Letras, SP, 1993, pág. 56.
15. BORGES, Jorge Luis. Idem, pág. 23.
16. KOLAKOWSKI, Leszek. **A presença do mito**. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1972, pág. 33.
17. MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In Rutherford, J. (org.). Identity. Lawrence and Wishart, 1990, Londres; in Stuart Hall, **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 1999, pág. 9.
18. GIDDENS, Anthony. The Consequences of Modernity. Cambridge: Polity Press, 1990; in Stuart Hall, **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 1999, pág. 15.
19. HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 1999, págs. 75/6.
20. ECHEGARAY, Miguel Ángel. **La globalización del guetto**, texto digitado, México, fevereiro, 2001.
21. IANNI, Octavio. **Futuros e utopias da modernidade**. Texto digitado, 11 de abril de 2001, SP.
22. JAEGER, Werner. **Paideia**, Fondo de Cultura Económica, México, 1957, pág. 48.
23. PAZ, Octavio. **Convergências**, Rocco, RJ, 1991, pág. 97.
24. Idem, pág. 103.

25. Os dois depoimentos estão no *Caderno B* do **Jornal do Brasil**, de 11 de agosto de 2001, em reportagem intitulada *A cultura desafia a realidade*.
26. Ernesto Grassi. **Arte como antiarte**, Livraria Duas Cidades, SP, 1975, pág. 19.
27. Ostrower, Fayga. Por que criar? , in **Fazendo artes**, FUNARTE, 1983, no. zero, pág. 8.
28. Sábato, Ernesto. **Cambio 16**, no. 1.006, 27.04.92.
29. Chantier – O chantier é uma rede de pessoas com interesses comuns: ecologia, gênero, educação, etc., que promove atividades ligadas ao projeto comum da Aliança de construir um mundo plural, solidário e responsável.
30. Colégio de Artistas – O colégio reúne grupos de profissionais de uma mesma categoria interessados em elaborar propostas comuns em sua área específica de atuação.